

O COLAPSO DO PROJETO DA MODERNIDADE E A CONTEMPORANEIDADE PÓS – MODERNA

Débora Raquel da Costa MILANI¹

RESUMO: Com este trabalho pretendemos: analisar o colapso do "projeto da modernidade" e as noções que levaram a isso; analisar os traços do "projeto da modernidade" e os quadros de emergência da pós-modernidade na dimensão sociocultural; desenvolver algumas lições da antropologia das organizações educativas destacando, fundamentalmente, o policulturalismo e as culturas escolares. Para a realização da pesquisa utilizou-se como metodologia a hermenêutica filosófica da Escola de Grenoble (antropologia do imaginário, antropologia das organizações educativas e socioantropologia do cotidiano): leituras e grades interpretativas de análise de textos segundo as técnicas hermenêuticas.

PALAVRAS-CHAVE: Modernidade. Culturas escolares. Pós-Modernidade.

Introdução

De tanto deslizar passar-se-á para o outro lado, uma vez que o outro lado é senão o sentido inverso. E se não há nada para ver por trás da cortina é porque todo o visível, ou antes, toda a ciência possível, está ao longo da cortina, que basta seguir o mais longe, estreita e superficialmente possível para inverter o seu lado direito, para fazer com que a direita se torne esquerda e inversamente. (DELEUZE, 1998, p.10).

Maffesoli (2003) observa que entender comunicação midiática digital como um fenômeno social estreitamente ligado a contemporaneidade ou a pós-modernidade remete a hipóteses que assinalam a passagem de uma cultura moderna, fixada no racionalismo e no estigma do sensível a um pensamento guiado pelo desejo, pelo instinto e pelas afinidades.

Assim, procuraremos delinear algumas questões pertinentes à modernidade e posteriormente à contemporaneidade.

Com a modernidade ocorre uma mudança radical no papel do intelectual e na vida política. O que estrutura o pensamento político e social dos séculos XIX e XX é uma

¹ UNIESP - Faculdade de Taquaritinga. Taquaritinga – SP – Brasil. 15900-000. Doutora em Educação Escolar. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Pós-graduação em Educação Escolar. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 - deb.milani@yahoo.com.br

vida política voltada a “intelectualidade e moralidade”. Isto nos afeta até hoje, pois temos dificuldade para compreender o que ultrapassa o horizonte político.

A política seduz no máximo com exposições à americana ou como objeto de diversão em espetáculos de variedades. Ela tornou-se objeto de desconfiança geral, desta forma, não será a melhor saída para enfrentar os desafios atuais. O projeto político não exerce mais o mesmo fascínio, a natureza não é mais considerada como um objeto inerente a explorar, o indivíduo não é mais sentido como a razão última de toda a vida em sociedade. Não que esses elementos não existam mais, mas não são mais tomados isoladamente, inscrevem-se num conjunto que ultrapassa e engloba cada um deles.

Já não nos satisfazemos com uma história soberana e linear. Maffesoli (1998, p.143) diz que:

Se a modernidade pôde ser obnubilada pela política, a pós-modernidade poderá sê-lo pelo clã. O que não deixa de modificar a relação com a alteridade, e mais precisamente com o Estrangeiro. Com efeito, o que tende a predominar é uma solidariedade mecânica dos indivíduos racionais, entre si, e de seus conjuntos com o Estado. Ao contrário, no caso do clã, seremos confrontados com uma solidariedade orgânica que vai acentuar especialmente o todo.

Há um irreprimível impulso do plural. O pluriculturalismo mostra-se bem presente, e é inútil ignorar sua relevância.

Esses aspectos contraditórios, essa heterogeneidade, não são mais aquilo sobre o qual a história pode agir, especialmente através da ação política, mas aquilo com o que é necessário negociar e, a mal ou a bem, entrar em acordo. Não podemos julgar isso a partir de uma não-alienação da vida nem a partir de uma lógica do “dever-ser”.

O politeísmo dos valores faz-nos pensar em antagonismo. Muitos podem e são diferentes, possuem costumes que vão contra os meus, e mesmo que não os considere “belos”, “santos” ou “bons”, mesmo que eu os combata, não posso negar-lhes a existência.

Durante a Modernidade, fez-se o controle da desordem em nome da Razão Suprema que toma o lugar do Deus único. O racionalismo triunfante fará da ciência a teologia do mundo moderno.

A Modernidade levou mais de dois séculos para edificar a política racional e esta submergiu sob violentas ondas; pois contemporaneamente vivenciamos que o coletivo tende a prevalecer, para o bem ou para o mal, vivendo fortes emoções, seja na

desafeição em massa referente à ação política, seja na violência das gangues, seja nas diversas aglomerações que pontuam a vida social.

Posto isto, observamos a ampla contraposição existente entre a tendência econômico-política que caracterizou a Modernidade e que está submergindo as evidentes relações que envolvem as características da vida cotidiana, como as representações, emoções compartilhadas, etc. O individualismo é substituído pela necessidade de identificação com um determinado grupo. Por isso, é imprescindível a compreensão da emergência de pequenos grupos no âmbito da sociedade de massa. Existe uma inevitável ambivalência e fragmentação que permeia nossas opções, nossos projetos de vida.

De acordo com Pessanha (1993), Bacon é o inaugurador do pensamento filosófico moderno. Em seu livro *Novum Organum* afirma que a ciência e o poder coincidem. Mas para ter um poder eficaz sobre a natureza é preciso que o conhecimento seja de um tipo operante, capaz de transformar as coisas. O autor possui uma concepção de ciência transformadora e acredita que o ser humano é capaz de conhecer o mundo sensível e os fenômenos nele envolvidos através da racionalidade.

Também percebe com clareza que nós podemos criar várias linguagens. Para que uma linguagem possa levar à ação direta sobre o mundo, transformá-lo e colocá-lo a meu serviço precisa ser de uma determinada forma. O caminho proposto por Bacon é o da indução e o da experimentação. A partir dos fenômenos naturais, se for possível, se chega às leis universais. Há, portanto, uma abordagem investigativa e experimental imprescindível para que possa haver o domínio do fenômeno e entender como ele se comporta para, assim, colocá-lo a meu serviço.

Duas possibilidades podem ser contempladas no *Novo Organum*: a do cientificismo experimentalista, que Bacon proclama como sendo o caminho para dominar a natureza, e a dialética, voltada para a dominação de outrem.

A modernidade que seguiu o caminho cientificista e tecnológico se esqueceu daquilo que Bacon observou, que quando o objeto do conhecimento for o ser humano, não é possível tratá-lo como coisa.

Pessanha (1993) evidencia que Bacon não poderia pensar que sua metodologia, feita para dominar coisas, pudesse ser eficaz e legítima para ciências humanas. Ainda nos traz a reflexão algo fundamental: E quando a racionalidade não responder a tudo? E completa: O problema não é a racionalidade, e sim, utilizá-la em domínios para os quais não foi criada.

A razão ocidental se empobreceu a partir da modernidade, quando fez a opção exclusiva pelo modelo matemático. O valor desse modelo é incalculável, mas não pode ser utilizado efetivamente no campo do contingente, do concreto, do histórico e do humano. (PESSANHA, 1993, p.28).

A linguagem matemática alimenta não apenas a produção científica, diz o autor, mas também o próprio imaginário do homem a respeito da humanidade, pois tem a ver com a visão intelectual que o homem tem de si próprio. É a linguagem salvadora, com um discurso concatenado, rigoroso, irretorquível e claro, pois é dotado de um só sentido. O objetivo é o cumprimento de ausência total de sombra e a instauração do reino da clareza.

De acordo com Harvey (1992), a modernidade prometia trazer o tipo de clareza e transparência para o ser humano que só a racionalidade poderia oferecer. Prometia a libertação da escassez e das calamidades naturais por meio do domínio científico da natureza. A libertação das irracionalidades da religião e dos mitos, pelo desenvolvimento de formas racionais de organização social.

E por falar em mito, é interessante vislumbrar que o mito² prometeico foi o que mais influenciou a modernidade. Sironneau (1985) diz que esse mito cristaliza o sonho das “luzes”. Prometeu não é mais uma divindade primordial, mas o homem concebido como gênio produtor de si mesmo, que não precisa mais de deuses e assume seu próprio destino.

Prometeu, inventor das artes e dos ofícios, torna-se representante terrestre do avanço da ciência e da indústria e do ideal do Progresso.

Sevcenko (2001) descreve um passeio de montanha-russa e o utiliza como metáfora para analisar o conhecimento científico que fora produzido a partir da modernidade.

Sevcenko (2001, p.12) observa que: “A primeira fase até que é tranquila, a coisa se põe a subir num ritmo controlado, seguro, previsível.”

Podemos perceber que esta fase do passeio é o início da modernidade. A ciência era vista como uma construção progressista de acúmulo de experiências que se voltava para o avanço do conhecimento sobre o qual se erigia a verdade.

Foucault (2000) rompe com o conceito de verdade apregoado pela Modernidade.

² Durand (2002, p.62-63) entende por mito: “[...] um sistema dinâmico de símbolos, arquétipos e esquemas, sistema dinâmico que, sob o impulso de um esquema, tende a compor-se em narrativa. O mito é já um esboço de racionalização, dado que utiliza o fio do discurso, no qual os símbolos se resolvem em palavras e os arquétipos em idéias. O mito explicita um esquema ou um grupo de esquemas.”

Para este pensador, em todas as sociedades existem regimes de verdades que trazem consigo: discursos tomados como verdadeiros e afirma que a economia política da verdade tem como fundamentações:

[...] a “verdade” centrada na forma do discurso científico e nas instituições que o produzem; está submetida a uma constante incitação econômica e política (necessidade de verdade tanto para a produção econômica, quanto para o poder político); é objeto, de várias formas, de uma imensa difusão e de um imenso consumo (circula nos aparelhos de educação ou de informação, cuja extensão no corpo social é relativamente grande, não obstante algumas limitações rigorosas); é produzida e transmitida sob o controle, não exclusivo, mas dominante, de alguns grandes aparelhos políticos ou econômicos (universidade, exército, escritura, meios de comunicação); enfim, é objeto de debate político e de confronto social (as lutas “ideológicas”). (FOUCAULT, 2000, p.13, grifo do autor).

A sensação era de que haveria uma linearidade do progresso e este traria certeza, segurança, ordem e clareza.

Pessanha (1993) ao descrever o conto: “A legião estrangeira” de Clarice Lispector, mostra que a menina do conto chamada Ofélia Maria dos Santos Aguiar, assim como a modernidade e a racionalidade, tem um discurso dentro de uma lógica que não possui brechas para a contestação. É uma menina com a lógica de um teorema:

O teorema, aquilo que a razão atemporalizadora da matemática apresenta diante de nossos olhos seduzidos desde o tempo dos antigos gregos, é exatamente uma cadeia de portanto-portanto-portanto [...] uma fatalidade muito mais dura é irresistível porque clara. Não é insondável e misteriosa mostra-se na plenitude de sua clareza. (PESSANHA, 1993, p.9).

O autor continua falando sobre o teorema e afirma que: “É uma coisa maravilhosa cujo sentido é até um tanto quanto místico, uma espécie de elevação e salvação, porque em nenhum momento eu decaio. Não há lusco-fusco nem sombra.” (PESSANHA, 1993, p.18).

Em cada passo da demonstração de um teorema, há a irrecusabilidade de algo que só é possível ser visto daquela maneira, portanto é bem claro.

Para a construção de uma verdade lógica é preciso abandonar a linguagem do cotidiano que sempre é permeada de obscuridade. Pessanha (1993, p.21) diz que: “A linguagem do cotidiano tem inevitavelmente um sabor de ambiguidade, de equivocidade.”

Perelman (apud PESSANHA, 1993) lembra que através de Bacon e de Descartes,

o Ocidente escolheu uma forma de cientificidade que necessariamente deixava de lado tudo o que fosse ambíguo.

A modernidade constituiu-se, em grande parte como um desdobramento do mito da clareza e do progresso, amparados na harmonia e racionalidade.

É importante ressaltar que não há uma ligação necessária entre progresso e conhecimento. O sonho de um progresso linear e seguro não se concretizou.

Temos então, a segunda fase do passeio da montanha russa descrita por Sevcenko (2001, p.12-13): “[...] e de repente o mundo desaba e leva a gente de cambulhada [...] mais um tranco seco e uma subida aos solavancos.”

Segundo o autor essa é a fase em que perdemos as referências das circunstâncias e até o controle das faculdades conscientes. Essa situação pode ser interpretada como um novo salto no processo de desenvolvimento da tecnologia.

Sennet (2006, p.87) mostra que uma das forças que configura a moderna ameaça do fantasma é a automação³:

O medo de que as máquinas substituam os seres humanos é antigo. O surgimento dos primeiros teares movidos a vapor provocou a revolta de tecelões franceses e britânicos; pelo fim do século XIX, tornara-se dolorosamente evidente para muitos trabalhadores metalúrgicos que as máquinas passariam a desempenhar as tarefas mais complexas de seu trabalho, ficando os homens reduzidos às mais rotineiras, remuneradas com salários baixos.

Sennett (2005) ao contar sobre a análise sociológica que realiza através de um estudo comparativo entre os antigos e os novos empregados de uma padaria, destaca que percebe nesse ambiente de trabalho flexível, um paradoxo; pois ao mesmo tempo em que tudo é fácil de usar, os empregados percebem uma degradação em seu trabalho. “Operacionalmente tudo é muito claro; emocionalmente, muito ilegível.” (SENNETT, 2005, p.79).

O autor afirma que é o pertencimento a uma comunidade e a construção de uma narrativa que tornará o mundo legível.

Em uma sociedade permeada pela superficialidade e pelo capitalismo flexível destacamos que uma constância e talvez a única do capitalismo seja sua inconstância. O capitalismo parece se reinventar, ou seria melhor dizer: se desmanchar!

Berman (1986) ao nos remeter a Marx faz a afirmação de que tudo o que é sólido

³ “Ato ou efeito de automatizar (prover de máquinas ou de dispositivos mecânicos ou eletrônicos, para agilização e otimização da produção, dos serviços, etc.” (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p.351).

desmancha no ar, tocando assim no sólido âmago institucional da modernidade e afirmando que mesmo esta com seu discurso claro têm os seus próprios cantos obscuros.

A terceira fase do passeio da montanha russa descrita por Sevcenko (2001, p.13) é a do *loop*: “E agora, meu Deus, o *loop*...! Aaaaaaaahhhhhh...!!! Rodamos no vazio como um ioiô cósmico, um brinquedo fútil dos elementos, um grão de areia engolfado na potência geológica de um maremoto.”

A contemporaneidade é representada por essa fase, em que a aceleração das inovações tecnológicas é imensa e muitas vezes nos aturdem causando maior desordem. Não é possível ficar no *loop* por muito tempo, pois seria a morte.

O mito de Dionísio é revelador da desordem e do caráter híbrido, assim nos ajuda pensar a cultura contemporânea, em que a mídia se inscreve de modo relevante. Este mito traz consigo alguns paradoxos, ambiguidades, pois ao mesmo tempo em que representa o fascínio, as paixões e o prazer pelo cotidiano, não oculta o aspecto de destruição da vida.

Todos os que acreditaram numa razão ao alcance do homem, absoluta, atemporal e incontingente, e depois verificaram a impossibilidade de sustentar essa razão única e atemporal, com muita rapidez acabaram abrindo mão não só dessa razão, mas de todas as formas de racionalidade. (PESSANHA, 1993, p.22).

O autor observa a importância de se exercitar outra forma de racionalidade, do apenas provável e provisório.

Sobre isso, Maffesoli (1998, p.191) nos mostra que:

O momento presente aponta para se colocar no lugar da razão-razão, uma razão-sensível: O trabalho como realização de si, a política como expressão natural da vida em sociedade, a fé no futuro como motor do projeto individual e social, coisas que estavam na base do contrato social moderno, não são mais ressentidas como evidências e não funcionam mais como mitos fundadores [...] A verdadeira vida [está] no particular, no concreto, no próximo [...]

Bauman (1998) evidencia que certamente o mundo contemporâneo é qualquer coisa, menos estável e imóvel – tudo está em constantes variações. Contudo, os movimentos e variações parecem aleatórios, não têm direção certa. É difícil julgar sua natureza avançada ou retrógrada. No mundo pós-moderno o que conta é a habilidade de se mover, não importa se para frente ou para trás.

Diversos são os enfoques dados ao termo pós-moderno. Harvey (1992) afirma que o pós-modernismo cria um espaço e tempo fútil, provisório, superficial e cenográfico em lugar do espaço seguro e estável moderno. O passado, a história, a tradição e a memória transformaram-se em meras mercadorias solidificadas em simulacros, e a imagem tornou-se estandarte da cultura pós-moderna.

Connor (1992) observa o que alguns autores afirmam sobre o termo: Irving Howe vê o pós-modernismo como falta de rigor, de inteligência e de compromisso. Arnold Toynbee emprega o termo para caracterizar a queda da civilização ocidental na irracionalidade e no relativismo. Contudo, outros filósofos como Lyotard, Fiedler e Hassau, descrevem pós-moderno num tom mais positivo. Pós-moderno em suas obras significa a liberdade e a autoafirmação dos que despertam do passado.

Para Vattimo (1992), o termo pós-moderno está ligado ao fato da sociedade em que vivemos ser uma sociedade dos *mass media*.

De acordo com Vattimo (1996, p.171):

Se a modernidade se define como a época da superação, da novidade que envelhece e é logo substituída por uma novidade mais nova, num movimento irrefreável que desencoraja qualquer criatividade, ao mesmo tempo em que a requer e a impõe como única forma de vida – se assim é, então não se poderá sair da modernidade pensando-se superá-la. O recurso às forças eternizantes indica essa exigência de encontrar um caminho diferente.

Assim, seria interessante vislumbrarmos o que C. H. Teixeira (2010, p.131, grifo do autor) observa:

[...] temos uma educação *não-racional*, que obviamente não significa irracional. O não-racional seria da ordem da paixão, da emoção e do afeto, portanto da tragédia. Os modelos escolares instituídos seriam da ordem da racionalização, do controle e da padronização, portanto do drama. Enquanto tragédia, busca-se o instante eterno como contemplação do presente e do gozo. Enquanto drama, busca-se a solução de um problema a partir da luta heroica contra o erro e a ignorância. Os três arcaísmos, propostos por Maffesoli - o *retorno de Dioniso* (dimensão hedonista da existência), a *ideia de tribo* (modo de estar-junto a partir do gosto compartilhado) e a de *nomadismo* (sedentarização da existência, retorno da animalidade, do bárbaro e do selvagem) - ilustram bem a passagem de uma modernidade dramática para uma pós-modernidade trágica.

Segundo Vattimo (1996) a pós-modernidade caracteriza-se não apenas como novidade com relação ao moderno, mas também como dissolução da categoria do novo,

como apresentação de uma etapa diferente, mais evoluída ou mais retrógrada, não importa, da própria história.

Além do fim do imperialismo e colonialismo um grande fator que contribui para a dissolução da ideia de história e de modernidade é a sociedade de comunicação.

No nascimento da sociedade pós-moderna, os meios de comunicação desempenham um papel imprescindível. Esses meios de comunicação não caracterizam uma sociedade mais consciente de si, mas sim caracterizam uma sociedade mais complexa, até caótica. Entretanto, talvez seja neste relativo “caos” que poderemos encontrar nossas esperanças de liberdade.

Vattimo (1992) nos remete ao filósofo Lyotard, ao observar que os jornais, rádio, televisão, enfim os meios de comunicação foram determinantes no processo de dissolução das grandes narrativas.

O efeito mais evidente dos mass media é que um número cada vez mais expressivo de subculturas se manifesta expondo o que pensa. Vivemos momentos de pluralização que parecem impossíveis de serem revertidos, desta forma, impossível também se torna conceber o mundo e a história segundo pontos de vista unitários.

O desenvolvimento tecnológico sempre esteve imerso no imaginário social. Podemos pensar a história do desenvolvimento tecnológico em três grandes fases: a fase da indiferença (até a Idade Média) – que misturava arte, religião, ciência e mito, sem separar a técnica como realidade em si, independente das outras esferas da cultura –; a fase do conforto (modernidade) – marcada pelo progresso tecnológico e racionalização (aqui, o olhar sobre a técnica é o olhar do tecnocrata que, em uma mistura de coragem e fascinação, explora, domina, territorializa o espaço e o tempo) – e a fase da ubiqüidade (pós-modernidade), da comunicação e da informação digital, permitindo escapar do tempo linear e do espaço geográfico. (LEMOS, 2005, p.52).

A sociedade contemporânea, ajudada pelas tecnologias mergulha na dimensão da socialidade da qual nos fala Maffesoli (1996). Podemos dizer que na cultura contemporânea, as mídias digitais potencializam uma "comunicação-comunhão". A estrutura da socialidade ganha ênfase no cenário da cibercultura.

***THE COLLAPSE OF THE PROJECT OF MODERNITY AND POS
CONTEMPORARY – MODERN***

ABSTRACT: *With this work, we intent to: analyse the breaking-down of the "modernity's project", and the notions that took until it; analyse the lines about the "modernity's project" and the emergency frames from the post-modernity and cultural dimensions; develop some lessons from the anthropology of the educational organizations emphasizing, fundamentally, the polyculturalism and school cultures. To accomplish this research it was used as a methodology the philosophical hermeneutic by School of Grenoble (anthropology of the imaginary, anthropology of the educational organizations and socioanthropology of the quotidian (everyday living): readings and interpretative grades of text analyzis following the hermeneutic techniques.*

KEYWORDS: *Modernity. School cultures. Post Modernity.*

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós- modernidade.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BERMAN, M. Tudo que é sólido desmancha no ar: Marx, modernismo e modernização. In: _____. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade.** São Paulo: Companhia das Letras, 1986. p.85-125.
- CONNOR, S. **Cultura pós-moderna: introdução às teorias do contemporâneo.** São Paulo: Loyola, 1992.
- DELEUZE, G. **Lógica do sentido.** Tradução de Luiz Roberto Salinas Forte. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral.** 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 2000.
- HARVEY, D. **Condição pós-moderna.** São Paulo: Loyola, 1992.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S.; FRANCO, F. M. de M. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LE MOS, A. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea.** 3.ed. Porto Alegre: Sullinas, 2005.
- MAFFESOLI, M. A comunicação sem fim: teoria pós-moderna da comunicação. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia,** Porto Alegre, n.20, p.13-20, abr. 2003.
- _____. **Elogio da razão sensível.** Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- _____. **No fundo das aparências.** Petrópolis: Vozes, 1996.
- PESSANHA, J. A. M. Filosofia e modernidade: racionalidade, imaginação e ética. **Cadernos ANPED,** Porto Alegre, n.4, p.7-36, 1993.

SENNETT, R. **A corrosão do caráter**: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 2005.

_____. **A cultura do novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SEVCENKO, N. **A corrida para o século XXI**: no loop da montanha russa. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SIRONNEAU, J. P. Retorno do mito e imaginário sócio político e organizacional. **Revista da FEUSP**, São Paulo, v.11, n.1/2, p.243-273, jan./dez. 1985.

TEIXEIRA, C. H. **As tessituras do movimento**: dança, tribalismo e imaginário no cotidiano de um grupo de alunos de uma escola pública de Araraquara. 2010. 148f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2010.

VATTIMO, G. **A sociedade transparente**. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.

_____. **O fim da modernidade**: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna. São Paulo: Martins Fontes, 1996.